

Uma escrita forte e renovadora

Por Tatiana Salem Levy

Valor, 21/05/2026

Como nas tragédias gregas, tudo é extremo em ‘O terceiro país’, de Karina Sainz Borgo

Polinice e Etéocles, filhos de Édipo, lutam em lados opostos na guerra que atormenta Tebas. Quando acaba o conflito, Creonte, o rei, ordena honras fúnebres para Etéocles e decreta a interdição de sepultamento de Polinice, sob pena de morte. Mas Antígona, na tragédia homônima de Sófocles, se recusa a acatar a lei dos homens, reivindicando a lei divina. Em outras palavras, ela desobedece as ordens do Estado para realizar o que é correto segundo os deuses: o irmão deve ser enterrado. Mesmo que isso custe a própria vida, Antígona não deixará o corpo de Polinice ao léu.

Num cenário de desolação, em montanhas e planícies distópicas, que poderiam ser na Venezuela, na Colômbia, na Bolívia ou até no Brasil, Angustias e Visitación Salazar se recusam a deixar os mortos sem uma sepultura, enfrentando as leis locais — que não parecem tão claras quanto as de Tebas. Num espaço de fronteiras, de migrações, de ilegalidades sem fim, de tráfico de drogas, é difícil saber quem manda. Mas os governantes existem e são sempre homens. Podem ser os “irregulares”, pode ser o prefeito da aldeia, pode ser a junção do poder estatal com a polícia e os traficantes.

Este é o ambiente de “O terceiro país” (trad. Vasco Gato, Alfaguara Portugal — ainda não publicado no Brasil), extraordinário romance de Karina Sainz Borgo, escritora venezuelana premiada e traduzida em mais de trinta idiomas. Tem algo de “Cem anos de solidão”, de Gabriel García Márquez, neste livro, um cenário não identificado nos nossos mapas, mas que tão bem reconhecemos como fazendo parte da América Latina.

O destaque de uma crítica de *La Vanguardia*, na contracapa do exemplar, diz que “não há aqui introspecções psicológicas, nem concessões líricas, nem realismos mágicos — ainda que haja uma poeira onírica a cobrir cada página”. Só concordo por inteiro com o fato de não haver concessões — mas há, sim, lirismo. No meio de uma brutalidade incansável, as duas mulheres que enfrentam a todo custo a guerra dos homens para enterrar os mortos não deixa de ser lírica. Ainda que não seja um romance psicológico, fui levada a cada página para a dor de Angustias e a de Visitación. São vidas duras, arrasadas, que elas próprias preferem silenciar, mas que vão se mostrando nos gestos e nos pensamentos. Por fim, talvez se possa dizer que não é uma obra de realismo mágico, mas isso é só para quem está condicionado à prisão dos gêneros e, sobretudo, para quem nunca andou pelas montanhas latino-americanas.

O realismo mágico é a nossa própria realidade, a de um mundo onde o inimaginável acontece o tempo todo. Há quem ache surreal dezenas de cobras saírem da parede ou fantasmas falarem. Eu acho surreal homens que se matam, se degolam, se cortam aos pedaços; homens que estupram meninas; homens que proíbem o enterro; homens que delimitam fronteiras e expulsam os estrangeiros. É contra essa lógica que surgem os corpos de Angustias e Visitación. Corpos que ocupam lugares proibidos.

“Cheguei a Mezquite à procura de Visitación Salazar, a mulher que sepultou os meus filhos e me ensinou a enterrar os dos outros. Fui até o fim do mundo, ou onde julguei que o meu terminara”, assim começa o romance. Angustias Romero e o marido, Salveiro, fogem da peste, a caminho das montanhas e da ansiada segurança no país vizinho. Ela carrega, numa

caixa de sapatos, os corpos dos gêmeos, mortos pouco depois do nascimento. À sua volta, apenas miséria, calor e poeira: “Era assim o fim do mundo: aquele montão de pó feito dos ossos que íamos deixando pelo caminho.” Nesse fim de mundo, bem na fronteira, ficava o Terceiro País, um cemitério sem lei onde Visitación Salazar enterrava a troco de gratificação, ou mesmo por nada. Um corpo sem sepultamento era a maior desonra para os gregos. E também para esta mulher negra, grande, sempre rodeada de vespas, que se recusa a abandonar seus mortos.

“Uma fronteira dentro de outra onde se juntavam a serra oriental e a ocidental, o bem e o mal, a lenda e a realidade, os vivos e os mortos”, assim era o Terceiro País. Chegada ali depois de fugir de uma epidemia de desmemória — a peste atacava a memória —, Angustias decide ficar. Não quer sair de perto dos filhos, os únicos seres que ela amou de verdade. Seu movimento é o oposto do da doença: não esquecer. Lembrar os seres em meio àquela terra de poeira, esqueletos e desgraça.

Angustias e Visitación são as Antígonas dessas montanhas. Entre os destroços de uma guerra que, ao contrário da de Tebas, não tem fim, elas querem manter a dignidade dos mortos. Enterram a qualquer custo. Defendem os corpos dos mortos com seus próprios corpos. A tragédia, aqui, já aconteceu e continua acontecendo. Ela se repete. “Sei aguentar”, diz Angustias. “Estou preparada para a desgraça. Falo a sua língua.”

“Guajiros” são as pessoas que vivem na fronteira, “entre o mar e a terra, o deserto e a água. Estão entregues à sorte e à morte”, explica Salvación a Aurelio, o governante que pouco entende do lugar que governa. A narrativa é construída sobre as contradições, os opostos. Tudo ali parece à flor da pele, sempre prestes a explodir. Um excesso que nunca descansa. No meio da travessia, antes de se separarem, Angustias e Salveiro veem os peixes voando. Então, a voz narrativa da mulher comenta: “Ficamos em silêncio, contemplando aquele lugar ao qual tinham ido parar, juntas, toda a fealdade e toda a beleza do mundo”.

Como nas tragédias gregas, tudo é extremo neste segundo romance de Karina Sainz Borgo, autora que já se confirma como uma das vozes mais potentes da literatura latino-americana contemporânea. Aliás, diga-se de passagem, a América Latina, incluindo o Brasil, tem nos apresentado com uma escrita forte e renovadora. E, sem dúvida, no centro desta renovação estão as mulheres que escrevem. Ainda não li, mas estou louca para ler os contos da argentina Samanta Schweblin e o novo romance da brasileira Paulliny Tort. Só ouço falar maravilhas.